

tuínte, idéia levantada pelo *Correio do Rio de Janeiro*, de João Soares Lisboa. O número extraordinário do *Revérbero* de 18 de maio adota aquela idéia e defende-a com vigor. Essa intuição, virtude política máxima, de perceber o essencial, na confusão em que se mistura ao secundário e transitório, e que caracteriza o protagonismo político, tiveram Ledo e Januário naquele momento. Criar um órgão de poder oriundo da vontade popular, ao tempo, era dar conteúdo novo ao processo que vinha sendo desenvolvido à sua revelia. Não importa, no caso, discutir e verificar a precariedade da consulta eleitoral, suas limitações. Tais medidas, normalmente, têm profundidade que excede essas limitações e até mesmo as subverte.

O sentido democrático da decisão não podia escapar ao senso dos mais sagazes. E tanto foi assim que as opiniões, na cúpula política, dividiram-se. O problema passou ao centro dos acontecimentos e dos debates — constituiu divisor. Sua significação, como avanço para a Independência, era fundamental. A manobra foi bem articulada e desenvolvida: pediu-se ao príncipe, primeiro, que aceitasse o título de protetor e defensor perpétuo do Brasil, comprometendo-o decisivamente com a sorte do país. Mas não se pediu tão simplesmente por entendimento de cúpula: pediu-se num processo de mobilização da opinião em que concorreram formas diversas, somando efeitos: boletins, cartazes, artigos na imprensa, reuniões privadas e públicas. Criou-se o clima propício à decisão. Preparou-se, logo depois, a convocação da Constituinte, em documento minutado por Ledo e lido por José Clemente Pereira, como presidente do Senado da Câmara, o poder local de origem popular.

A direita conservadora percebeu o alcance da manobra e tentou sustá-lo. O infalível José da Silva Lisboa combateu-a, na *Reclamação do Brasil*. A Constituinte, no seu dizer, seria “mera farsa e paródia da que perdeu a França”. O *Revérbero* retrucou a Silva Lisboa de forma acertada, quando fixou no velho áulico que “o amor do despotismo e o da vida são mui fortes nos velhos emperrados nos seus vícios”. E o *Correio do Rio de Janeiro*, mais desabrido ainda, indicou que Silva Lisboa “largara a máscara. Largou-a, mas o certo é que vergonhosamente e com a maior indignidade”. D. Pedro não teve hesitações: instalou, com os procuradores das províncias e os ministros, o Conselho de Estado e, no dia seguinte, convocou a Constituinte. Era, dizia, “a vontade dos povos de que haja Assembléia Geral Constituinte e Legislativa”. Aceitava essa vontade. Claro que, a partir dessa decisão, embora não se declarasse explicitamente, havendo mesmo cuidado em não o declarar, a Independência estava consumada. Não era esta a razão que impedia a direita, certamente. O que a colocou em campo